

Filipe Zappala Massi de Oliveira Francioni

Bacharel em Direito. Advogado. Jornalista.
Professor dos Cursos de Pós-graduação do
Centro Universitário Unieuro e Faculdade Anhanguera.
Bacharelado em Teologia pela
Faculdade Teológica Batista de Brasília (FTBB)
Brasília/DF

RESUMO

Este artigo analisou a Doutrina da Humanidade de Cristo, tema ligado a pessoa de Cristo amplamente estudado na disciplina de Teologia Sistemática. A Doutrina da Humanidade de Cristo é um tema relevante para o estudo da Cristologia. O objetivo deste trabalho foi descrever os pontos mais relevantes da humanidade de Cristo, através das evidências bíblicas que confirmam a natureza física e psicológica de Cristo, a impecabilidade de Cristo. Este trabalho foi realizado com base em uma detalhada pesquisa bibliográfica em livros, Bíblias, artigos científicos e em dissertação de mestrado (estes últimos oriundos das Bases de Dados da Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais, Brasil e Universidade Católica Portuguesa – Lisboa, Portugal respectivamente) referente a Humanidade de Cristo. Concluiu-se que Jesus Cristo se fez homem temporariamente, mas sua natureza divina estava permanentemente ligada à sua natureza humana, e vive para sempre, não apenas como o eterno Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, mas como Jesus o homem nascido de Maria. O Cristo, o Messias e Salvador da humanidade.

Palavras-chave: Jesus; Cristo; homem; Deus; humano; divino.

INTRODUÇÃO

A doutrina da humanidade de Cristo dentro Cristologia não é considerado um objeto de estudo que chame tanto a atenção na Teologia Sistemática, quanto aos aspectos da sua divindade. Embora haja controvérsia sobre o tema divindade, existe uma compreensão e aceitação quanto a sua humanidade, ou seja, o que quer que Jesus tenha sido, considera-se certo de que ele tenha sido humano (ERICKSON, 2007).

Jesus Cristo é considerado como um personagem inesgotável na história, e, passados mais de dois mil anos desde o seu nascimento virginal, os estudiosos de cada época o descrevem com um novo olhar (VITOR, 2018). E através da fé das primeiras testemunhas da tradição, é que se obtém a descrição do que encontraram em Jesus, de forma objetiva, ou seja, de seu

encontro pessoal com Ele (LOHFFINK, 2015).

Segundo o Cardeal modernista (KASPER, 2005) a figura e a mensagem de Jesus Cristo transcendem sempre o tempo e o espaço, impelindo o ser humano para uma interpretação sempre nova em direção a diferentes horizontes de compreensão. Através desta compreensão que excede as barreiras do tempo e do espaço, e fundamentado nos relatos oculares dos seguidores de Jesus, como discípulos e apóstolos, entre outros, que se define a cristologia inicial, entendendo assim que esta não pode ser transmitida em conceitos.

Desta forma, considera-se que Jesus começou a ser conhecido, por testemunho dos seus discípulos, por seguir Jesus, por viver com Ele e como Ele, deixam tudo para trás, como família e bens. Esta é a originalidade do saber Cristológico (CASTILLO, 2015).

Jesus é um homem divino, nascido na cidade de Nazaré, conhecido como “Jesus de Nazaré”, judeu da pobre Galileia, filho do carpinteiro José, um artesão e de Maria, cujos irmãos e irmãs, Jacó, Judas e Simão eram conhecidos, conforme está escrito no Evangelho Marcos “Não é este o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, José, Judas e Simão? As suas irmãs não vivem aqui entre nós?

E escandalizavam-se por causa dele.” (BÍBLIA, 2010, Marcos, 6:3). Desde o momento da concepção virginal de Jesus no ventre de Maria, a sua natureza divina foi permanentemente unida à sua natureza humana em uma e a mesma pessoa, o agora encarnado Filho de Deus. As evidências bíblicas para a humanidade de Jesus são fortes e substanciais, mostrando-nos que ele possuía um corpo humano, uma mente humana.

A IMPORTÂNCIA DA HUMANIDADE DE CRISTO

Segundo (SILVA, 2018) o tema da humanidade de Cristo tem uma grande importância e valor para a cristologia, pois esta humanidade possibilitou ao homem ter acesso a plenitude do conhecimento de Deus e de si próprio (GILOT, 1968). Desta forma compreende-se que esta humanidade possui duas características, que é a validade doutrinal e confissão de fé eclesial, ou seja, a humanidade de Cristo é antropologicamente adequada e teologicamente acertada (URÍBARRI, 2008).

O Teólogo Erickson leciona sobre a importância da humanidade de Jesus. Ele afirma que, caso Jesus não se fizesse carne, a salvação do homem estaria em jogo. Segundo Erickson, a dificuldade que o homem enfrenta é o distanciamento entre estes e Deus, sendo esse distanciamento antológico, e acrescenta:

Existe também um abismo espiritual e moral entre Deus e nós, um abismo criado pelo pecado humano. Por nosso próprio esforço moral, somos incapazes de nos opor a nosso pecado, de nos elevar ao nível de Deus. Para ter comunhão com Deus, precisamos ser unidos a ele de alguma outra maneira. Isso, como se entende

tradicionalmente, foi realizado pela encarnação, em que a divindade e a humanidade foram unidas em uma pessoa. Se, porém, Jesus não era de fato um de nós, a humanidade não foi unida à divindade, e não podemos ser salvos. Isso, porque a validade da obra realizada na morte de Cristo, ou pelo menos sua aplicabilidade a nós como seres humanos, depende da realidade de sua humanidade, assim como a sua eficácia depende da genuinidade de sua divindade (Erickson, 2007, p. 286)

Desta forma, compreende-se da importância de que o ministério intercessor de Jesus dependesse de sua humanidade, pois ela lhe permitiu se relacionar com o homem na sua essência física e psicológica. Apenas um ser humano poderia compreender as fraquezas e tentações de outro homem. Em sua humanidade, Jesus foi submetido a todos os mesmos tipos de provações que os homens são, e Ele é, portanto, capaz de entender e ajudar.

Jesus foi tentado, foi perseguido, era pobre, foi desprezado, sofreu dor física e suportou as dores de uma morte prolongada e muito cruel. Apenas um ser humano poderia passar por estas coisas, e apenas um ser humano podia entendê-las completamente através da experiência física e psicológica.

Erickson (2007) ainda enfatiza a importância da humanidade de Jesus, entendendo que essa natureza não pode ser subestimada, porque a encarnação é de natureza soteriológica, isto é, pertence a salvação do homem. Segundo o Teólogo, o problema humano é a diferença entre Deus e nós.

A diferença é certamente ontológica. Deus é muito superior aos seres humanos, de modo que a razão humana não pode conhecer sem ajuda. De modo que a humanidade possa conhecê-lo, Deus deve tomar a iniciativa. Entretanto, o problema não se mostra somente no campo da ontologia.

Existe uma diferença espiritual e moral entre eles, uma lacuna criada pelo pecado do homem. Homens por seu próprio esforço moral não pode compensar seu pecado para subir para o nível de Deus. Para Erickson (2007), ter comunhão entre os dois eles têm que vir juntos de alguma forma. Este é tradicionalmente entendida a ser alcançado pela concretização em que a divindade e humanidade unida em uma só pessoa.

Entretanto, se Cristo não era realmente um de nós, a humanidade e divindade não estão unidos e não podemos ser salvos. A validade do trabalho realizado com a morte de Cristo, ou pelo menos a sua aplicabilidade no que diz respeito a nós como seres humanos depende da realidade da sua humanidade, bem como a sua eficácia depende de como genuíno qualquer divindade.

Desta forma, se entende que, o ministério intercessor de Jesus depende de sua humanidade. Se ele realmente era um de nós, experimentando todas as tentações e provações humanas, então é capaz de entender e compreender as nossas tentações e humano. Além disso, se não fosse humano ou humana só incompleta, ele não poderia interceder como faz um sacerdote para que ele representa, completa (ERICKSON, 2007).

AS EVIDÊNCIAS BÍBLICAS

Nesta seção será abordado dois importantes aspectos da humanidade de Cristo, a sua natureza física e sua natureza psicológica através das evidências bíblicas que confirmam sua condição humana.

Quanto a sua natureza física, a Bíblia possui uma grande quantidade de versículos que indicam que Jesus era um ser indiscutivelmente humano, dotado de todas as características e elementos essenciais encontrados na fisiologia humana, ou seja, em comum acordo com a anatomia humana.

O primeiro aspecto a ser levado em conta é muito importante para o estudo da Cristologia e da Pessoa de Cristo. O nascimento virginal de Jesus, que embora não contou com uma figura genitora humanamente masculina no processo, Jesus foi concebido no ventre de uma mãe humana e nutrido, em sua fase pré-natal, como qualquer outra criança em fase gestacional. Importante clarificar que Jesus também teve uma árvore genealógica típica, conforme indicam as genealogias nos livros de Mateus e Lucas.

Grudem lista três importantes aspectos bíblicos sobre a doutrina do nascimento virginal de Jesus senão vejamos o primeiro:

O nascimento virginal demonstra que a salvação deve vir em última instância do Senhor. Como Deus havia prometido que a "semente" da mulher (Gn 3:15), no final destruir a serpente, fizeram isso acontecer com o seu poder, não através do esforço humano. O nascimento virginal de Cristo é um lembrete inconfundível que nunca a salvação vem através do esforço humano, mas apenas a obra do próprio Deus. Nossa salvação vem somente através da obra sobrenatural de Deus, e que era evidente no início da vida de Jesus como "Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam nos termos da lei, de modo que fomos adotados como filhos "(Gl 4:4-5) (GRUDEM, 2009, p. 831).

O segundo aspecto importante sobre a doutrina do nascimento virginal de Jesus segundo Grudem:

O nascimento virginal tornou possível poderiam se unir em uma só pessoa em sua plenitude da divindade e da humanidade em sua plenitude. Este foi o meio que Deus usou para enviar o seu Filho (João 3:16, Gálatas 4:4) para o mundo como um homem. Se pensarmos um pouco sobre outras formas possíveis em que Cristo poderia ter vindo para a terra, nenhum deles tão claramente vinculado à humanidade e da divindade em uma pessoa. Porque Deus provavelmente teria sido possível criar Jesus como um ser humano completo no céu e enviá-lo para o chão sem a intervenção de um pai humano. Mas, então, teria sido difícil para nós ver que

Jesus era plenamente humano como nós, ou faz parte da raça humana que fisicamente descendentes de Adão (GRUDEM, 2009, p. 831-832).

O terceiro e último aspecto importante sobre a doutrina do nascimento virginal de Jesus segundo Grudem:

O nascimento virginal também era possível que Jesus era totalmente humano, mas não a herança do pecado. Como afirmado no Capítulo 24, todos os seres humanos herdaram culpa legal e a natureza moral corrupta de nosso primeiro pai, Adão (que às vezes é chamado de "pecado herdado" ou "pecado original"). Mas o fato de que Jesus não tinha pai humano significa que a linha de descendência de Adão foi parcialmente interrompida. Jesus não era descendente de Adão exatamente da mesma forma que outros seres humanos são descendentes de Adão. Isso nos ajuda a entender por que a culpa legal e a corrupção moral que carregam outros seres humanos não encontram em Cristo. (GRUDEM, 2009, p. 832).

Outros aspectos também importantes são evidenciados na Bíblia no que se refere a natureza física de Jesus, como descrito no livro de Lucas (BÍBLIA, 2010, Lucas 2:52) que Jesus crescia em "em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens". A Bíblia é clara ao afirmar que Jesus crescia fisicamente, alimentado por comida e água.

O professor Erickson (2007) afirma, baseando-se nos textos bíblicos, que Jesus estava sujeito às mesmas limitações físicas dos outros seres humanos, pois era detentor das mesmas características fisiológicas de outro ser humano. Sendo assim, Jesus sentia fome quando jejuava (Mt 4.2), sentia sede (Jo 19.28), e se cansava das longas jornadas pelo deserto de cidade em cidade (Jo 4.6).

A confirmação mais robusta e concreta da natureza física de Jesus pode ser encontrada no episódio da crucificação descrito em João (Jo 19:34) onde lemos que uma lança foi cravada em seu lado, fazendo jorrar água e sangue, indicando que Jesus já estava morto. É indubitável que Jesus também sentiu sofrimento físico quando a coroa de espinhos foi colocada em sua cabeça e quando os pregos foram martelados em suas mãos (ou pulsos) e pés.

Outra evidencia bíblica que ratifica a condição humana de Jesus está descrito em João que disse: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós". (BÍBLIA, 2010, João 1.14). João deu destaque especial a essa questão em sua primeira carta, da qual um dos propósitos era combater uma heresia que negava que Jesus tivesse sido genuinamente humano: "Nisto reconhecéis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito e que não confessa a Jesus não procede de Deus" (BÍBLIA, 2010, I João 4.2,3a)

Quanto aos aspectos da natureza psicológica humana de Jesus, muitas são as evidências bíblicas que confirmam essa natureza, pois, se Jesus era um ser humano no sentido físico, ele também era plena e genuinamente humano no sentido psicológico, ou seja, Jesus era detentor de qualidades emocionais e intelectuais encontradas em outros homens. A Bíblia narra vários indícios de que Jesus tinha uma alma humana.

Talvez uma das narrativas mais profundas sobre a natureza psicológica humana de Jesus se passou antes de sua crucificação, quando ele em profunda angústia disse: "Agora minha alma está perturbada" (BÍBLIA, 2010, João 12:27)

Adiante, (BÍBLIA, 2010, João 13:21) João disse: "Dito isto, Jesus perturbou-se profundamente". Compreende-se que em ambos os versos a palavra é o termo grego *angústia tarasso*, uma palavra que é frequentemente usado para se referir a pessoas com ansiedade ou de repente surpreendido por um perigo. (GRUDEM, 2009). Outra evidência bíblica que ratifica esse aspecto psicológico aconteceu momentos antes da crucificação de Jesus quando disse: "Essa é a angústia que me invade, eu estou morrendo" (BÍBLIA, 2010, Mateus 26:38).

Segundo (ERICKSON, 2007), uma das reações mais humanas de Jesus ocorreu na morte de Lázaro. Vendo Maria e seus companheiros chorando, Jesus "agitou-se no espírito e comoveu-se", em ato contínuo, ele "chorou" junto ao túmulo "agitou-se novamente" (Jo 11.33-38). A descrição aqui é muito real e humana, pois para retratar Jesus gemendo no espírito, João escolheu um termo usado para expressar o bufar dos cavalos. Desta forma, fica Claro que Jesus possuía uma intrínseca natureza humana capaz de sentir aflição e remorso tão profundos quanto nós.

Outras evidencias bíblicas de extrema importância para a humanidade de Cristo estão ligadas as qualidades intelectuais de Jesus. (ERICKSON, 2007) considera categoricamente que Jesus detinha um conhecimento extraordinário, ou seja, Jesus tinha conhecimento do passado, presente e futuro de uma forma que não é acessível a pessoas normais. As evidências são muitas, por exemplo, Jesus sabia o que seus amigos pensavam (Lucas 9:47), como também seus inimigos (Lc 6: 8.). Ele podia adivinhar a natureza de Natanael (Jo. 1: 47-48). Erickson é enfático ao afirmar: Jesus "não precisa de ninguém para explicar qualquer coisa sobre o homem, pois ele sabia o que havia no homem" (Jo. 2:25).

Em sua obra, (ERICKSON, 2007) apresenta provas inequívocas da humanidade de Jesus relacionada como por exemplo a sua "vida religiosa humana" como descrito em (Lc. 4:16), sendo Jesus frequentador de uma sinagoga em Nazaré como de costume.

Ainda quanto a sua vida religiosa humana, ela fica mais clara e evidente quando constatada que Jesus de fato era um homem de oração, ou seja, a sua vida de oração foi uma clara indicação de sua dependência humana sobre o Pai. Evidências bíblicas provam que Jesus orou regularmente, por vezes por longas horas e com grande intensidade, como no Jardim do Getsêmani e antes de tomar o importante passo de escolher os

doze discípulos, Jesus orou a noite toda (Lc. 6:12).

A IMPECABILIDADE DE CRISTO

Outro ponto importante e muito debatido na humanidade de Jesus está ligado a impecabilidade de Jesus. Desta forma, muito se pergunta: Jesus poderia ter pecado? Sobre essa questão, a Bíblia é clara e cirúrgica ao afirmar que Jesus não pecou, pois existe diferentes relatos no texto sagrado que segundo Erickson (2007) são “passagens diretamente declaratórias e substanciais”.

Em Hebreus, o seu escritor declara que Jesus "foi tentado em todas as coisas como nós somos, mas sem pecado" (Hb. 4:15). Desta forma, Jesus é descrito como "sumo sacerdote [que] nós tornou-se, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus" (7:26), e "sem mácula" (9:14). Jesus disse que ele era "o Filho do Deus vivo, conforme está escrito no livro de João (Jo. 6:69). Jesus "não cometeu pecado, e tão pouco se achou dolo em sua boca" (1 Pedro 2:22). João ainda firma que "não há pecado nele" (1 Jo. 3: 5). Paulo também afirmou que Cristo "não conheceu pecado" (2 Coríntios 5:21).

Baseado nos textos supramencionados, até onde podemos ir em termos de declarações claras e explícitas das Escrituras? Segundo (GRUDEM, 2009), existe um dilema semelhante a alguns outros dilemas doutrinários em que as Escrituras parecem estar ensinando coisas que são, se não diretamente contraditória, ou pelo menos muito difícil de combinar, no entendimento humano, e cita, como exemplo, a doutrina da Trindade, em que afirma que Deus existe em três pessoas, e cada um é plenamente Deus, e que há um só Deus.

No entanto, entende o autor supramencionado que, a afirmação feita em epígrafe não contém contrariedades, porém, tal afirmação se torna difícil de entender em relação uns aos outros, e embora, se faça algum progresso na compreensão de como eles se encaixam entre si, pelo menos nesta vida, temos que admitir que não pode haver entendimento final da nossa parte. Presencialmente, no caso em tela, a situação é um pouco semelhante, não havendo nenhuma contradição real.

Como já observado, as Escrituras nos confirmam que "Jesus foi tentado" e que "Jesus não foi tentado", ou seja, uma contradição se "Jesus" e "tentados" são utilizados exatamente da mesma forma em ambas as frases. A Bíblia nos relata que "Jesus foi tentado" e que "Jesus era plenamente homem" e que "Jesus era totalmente Deus" e "Deus não pode ser tentado."

Então, essa combinação dos ensinamentos das Escrituras deixou em aberto a possibilidade de que tal como a entendemos que a naturezas humana e divina de Jesus trabalharam juntas, podemos compreender de maneira mais do que ele poderia ser tentado em um sentido e outro, no entanto, não poderia ser tentado. Para solucionar a questão se Jesus poderia ter pecado, Grudem propõem cinco possíveis soluções para o presente questionamento afirmando:

(01) Se a natureza humana de Jesus existiu por si só, independente de sua natureza divina, a natureza humana teria sido semelhante ao único Deus de Adão e Eva. Seria livre do pecado, mas, no entanto, com a possibilidade de pecar. Portanto, se a natureza humana de Jesus existiu por si só, era a possibilidade de que abstrato ou teórico Jesus poderia ter pecado, como a natureza humana de Adão e Eva tiveram a possibilidade do pecado. (02) Que nunca a natureza humana de Jesus existiu para além da união com sua natureza divina. A partir do momento da concepção, havia o homem como verdadeiro Deus e verdadeiro também. Sua natureza humana e divina natureza unidos em uma pessoa existiu. (03) Embora houvesse algumas coisas (como sentir-se fome, sede ou fraqueza) que Jesus experimentou em sua natureza humana e não só experimentou em sua natureza divina (ver abaixo), no entanto, um ato de pecado teria sido uma ação moral, aparentemente, teria envolvido toda a pessoa de Cristo. Portanto, se ele tivesse pecado, teria envolvido a natureza humana e a natureza divina. (04) Mas, se Jesus tivesse pecado como uma pessoa, envolvendo sua natureza divina e natureza humana no pecado, Deus teria pecado, e ele tinha deixado de ser Deus. No entanto, isso é obviamente impossível por causa da infinita santidade da natureza de Deus. (05) Portanto, se estamos realmente perguntando se era possível que Jesus tivesse pecado, parece que temos de concluir que não era possível. A união das naturezas divina e humana de uma pessoa evitada (GRUDEM, 2009, p. 844).

Diante do ora exposto, é preciso responder à pergunta: "Como, então, poderia ser válida, as tentações de Jesus?" (GRUDEM, 2009) leciona em sua obra que, o exemplo da tentação de transformar pedras em pão ajuda-nos a entender essa questão. É sabido que Jesus tinha a capacidade, em virtude de sua natureza divina, de realizar esse milagre, mas se tivesse, não teria sido obedecendo somente na base da força de sua natureza humana, tinha falhado o teste em que Adão também não e não teria vencido a salvação para nós.

Por essa convicção, recusou-se a confiar na sua natureza divina, que a obediência a ele era muito mais fácil. Da mesma forma, parece adequado concluir que Jesus enfrentou todas as tentações, não no poder divino, mas apenas com a força de sua natureza humana (embora, é claro, não era "só" porque Jesus, para exercer o tipo de fé que os seres humanos devem exercer, estava perfeitamente de acordo com Deus, o Pai e o Espírito Santo em todos os momentos).

É notório que a força moral de sua natureza divina estava lá como uma espécie de "apoio" que teria servido para não pecar (e, portanto, podemos dizer que era impossível para ele para o pecado), mas ele não

confia na força de sua natureza divina tornar mais fácil você enfrentar a tentação, e sua recusa a transformar pedras em pão, no início de seu ministério é uma indicação clara disso.

A pergunta que fica é: as tentações eram genuínas? Grudem responde que:

Muitos teólogos têm apontado que apenas um sucesso que resiste à tentação de terminar mais plenamente sentir toda a força a essa tentação. Assim como um campeão de halterofilismo e prendê-lo com sucesso sobre a sua cabeça pesos pesados no campeonato sente toda a força de mais plenamente do que tentou, mas caiu, todo cristão que tem enfrentado tentação com sucesso até o fim sabe que é muito mais difícil de cair sobre ele uma vez. Assim foi com Jesus enfrentou todas as tentações, ele fez até o final, e triunfou sobre ele. As tentações eram reais, se não se render a eles. Na verdade, eles eram muito mais real, porque isso lhes dava (GRUDEM, 2009, p. 845).

O autor, ainda acrescenta que a afirmação sobre o fato de que "Deus não pode ser tentado pelo mal" como visto acima, em (Tiago 1:13) faz parte da natureza divina de Jesus, mas não da natureza humana. Sua natureza divina não pode ser tentada pelo mal, mas a natureza humana e, certamente, foi tentada. Outrossim, as Escrituras não explicam claramente como essas duas naturezas estavam unidas em uma pessoa na face da tentação, entretanto, essa distinção entre o que é verdade da natureza e que é verdadeiro de outros tipos é um exemplo de várias declarações semelhantes que as Escrituras exigem de nós a fazer.

Desta forma, pode-se concluir que a impecabilidade de Jesus é confirmada pelos relatos dos Evangelhos. Há relatos de tentação, mas não do cometimento de pecado. Nada se diz dele que está em conflito com a lei revelada por Deus sobre o que é certo e o que é errado; tudo o que ele fez foi em relação com o Pai. Portanto, segundo (ERICKSON, 2007) com base nas evidências bíblicas direta e o silêncio sobre certos pontos, devemos concluir que há testemunhas uniformemente bíblicas para a impecabilidade de Jesus. E isso é inquestionável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina da humanidade de Cristo é um amplo e instigante objeto de estudo e pesquisa dentro da teologia sistemática, porém, o subscritor deste trabalho, buscou apresentar os principais pontos, como a importância da humanidade de Jesus, as evidências bíblicas e a impecabilidade de Cristo, temas amplamente fundamentados pelas santas Escrituras.

É importante clarificar que, propositalmente, não foram abordados os temas voltados para a filosofia da Religião como as heresias iniciais sobre a

humanidade de Jesus, o *Docetism* e o *Apollinarianism* e as Restrições recentes sobre a humanidade de Jesus, por entender o autor que se trata de um assunto complexo e merecer de um trabalho mais aprofundado.

A humanidade de Jesus é de grande importância para a fé e para a teologia porque demonstra que a morte expiatória de Jesus foi por amor ao pecador, ou seja, foi para nós. Jesus não era um estranho para o mundo, Ele se fez carne e morreu sobre a cruz. Jesus era um de nós, andou entre nós, se alegrou e se entristeceu entre nós, e para tanto, se faz necessário se oferecer em sacrifício em nosso nome.

Outra conclusão importante é o fato de Jesus ser nosso intercessor perante Deus. A Bíblia evidencia milhares de momentos a qual Jesus passou, estes como qualquer ser humano passou, passa e passará aqui na terra, ou seja, ele sentiu fome, sentiu frio, sentiu-se sozinho, sentiu alegria e tristeza, aflição e consolo. Isto foi necessário para que Ele entendesse exatamente o que um ser humano normal vive no seu dia a dia.

A verdadeira natureza da humanidade a Jesus é revelada, embora muitas vezes estejamos inclinados a tirar conclusões sobre o que a humanidade através do exame indutivo de nós mesmos e aqueles que nos rodeiam, estes são apenas exemplos de humanidade imperfeita. Jesus não só nos disse que era a perfeita humanidade, nós também demonstrada.

É claro e evidente que Jesus pode e deve ser o nosso maior exemplo. Pois Ele não pecou, e nos ensina através de uma vida santa a não pecar. Essa impecabilidade nos constrange a sermos santos como Ele foi. Uma ordem ele nos deu, ou seja, precisamos ser santos, porque Ele é Santo.

Portanto, podemos tê-lo como um perfeito modelo de vida cristã. Os padrões bíblicos do comportamento humano, que parecem tão difíceis de realizar, quando buscado através de uma vida santa, se torna humanamente possível. Claro, deve haver total dependência da graça e misericórdia de Deus.

Todas as evidências supramencionadas no presente artigo ratificam que Jesus Cristo se fez homem temporariamente, mas sua natureza divina estava permanentemente ligada à sua natureza humana, e vive para sempre, não apenas como o eterno Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, mas como Jesus O homem nascido de Maria e Cristo, o Messias e Salvador das pessoas.

Derradeiramente se conclui que a encarnação de Cristo evidentemente foi real entre nós, porque Jesus era o Verbo, e o Verbo se fez carne e habitou entre nós, transbordando de graça e verdade! Com o seu nascimento virginal, vimos a sua glória, como a do filho unigênito de Deus. Jesus continua sendo plenamente Deus e homem em uma pessoa, ontem, hoje e para sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, A. T. Genesis. In: BÍBLIA. **Bíblia Thompson**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: Almeida, Edição Contemporânea. São Paulo,

Editora Vida, 2010.

CASTILLO, José M. Jesus. **A humanização de Deus: Ensaio de Cristologia**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2015.

ERICKSON, Millard. **Teologia Sistemática**. São Paulo, Editora Vida Nova, 2008.

GILLOT, F. **Da humanidade de Cristo na teologia contemporânea**, Lisboa, Editora Braga, 1968.

GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**, Editora Vida Nova, São Paulo, 2009.

LOHFINK, Gerhard. **Jesus de Nazaré: O que Ele queria? O que Ele era?**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2015.

Silva, António Jesus da. **Humanidade e humanização em Cristo: Análise a partir do contributo cristológico de Walter Kasper**. 2018. Tese (Mestrado) – Curso de Mestrado Integrado. Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia, 2018. Disponível em <Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa: Humanidade e humanização em Cristo: análise a partir do contributo cristológico de Walter Kasper (ucp.pt)> Acesso em 16/05/2022.

URÍBARRI, G. **La singular humanidad de Jesucristo: el tema mayor de la cristología contemporánea**, San Pablo-UPC, Madrid, 2008.

VITOR, Alice de Senna. **Um paralelo entre Jesus Humano e Jesus Divino e ainda sobre a relação de divindade-humanidade de Jesus Cristo**. 2018. Tese (Bacharel) – Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/ALICE-DE-SENNA-VITOR.pdf>> Acesso em 16/05/2022.

SCHILSON, A. **Cristologia: abordagens contemporâneas**, Editora Loyola, São Paulo, 1990.

KASPER, W. (dir). **Diccionario enciclopédico de historia de la Iglesia**, Herder, Barcelona 2005.